

CARINA RISSI

desencantada

Entregando-se aos segredos do amor

UM LIVRO DA SÉRIE

perdida

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2018



VERUS
EDITORA

1

SETEMBRO, 1835

O *que eu não daria para ter um desses*, pensei, parada na calçada diante da vitrine da *maison* do sr. Giovanni, admirando um belo casaco de veludo verde. Não era exatamente a beleza da peça que atraía minha atenção. Ele parecia *quente*.

O vento frio balançou meus cabelos, soprando um cacho dourado direto em minha boca. Eu o afastei, estremecendo de leve e passando os braços ao redor do corpo. A vidraça refletiu minha imagem sobreposta ao casaco. Examinei minha figura, do vestido desbotado e fresco demais para aquela época do ano, alguns cerzidos na barra, à luva de crochê com pontos e linhas frouxos, meus olhos azuis desanimados. Ao menos o chapéu e a bolsinha pendurada no pulso continuavam apresentáveis, tentei me animar.

Como minha vida podia ter mudado tanto?

O cachorro amarelo ao meu lado latiu uma vez, me fitando com seus olhos escuros.

— Tem razão, Manteiga. A primavera já vai começar. Não vou precisar dele. Vamos.

Ele foi trotando na frente, liderando o caminho para a rua principal da cidade. Acabei rindo quando Manteiga se distraiu com uma trilha de formigas no meio da calçada.

Ele não era exatamente o mais atento dos cachorros, mas era um bom amigo. Aparecera em minha vida três meses antes. Poucos dias após a mudança para a casa nova, eu tinha resolvido dar um passeio para conhecer a propriedade, de-

pois a cidade, e acabei perto da praia. O cachorro estava lá, todo sujo de areia e com um sorriso engraçado. Incapaz de resistir, brinquei com ele por um tempinho. Claro que ele me seguiu até em casa. Então todas as manhãs o animalzinho retornava, me convidando para um passeio, até que um dia decidiu não ir mais embora, para minha alegria — e imenso desespero da minha madrastra. Miranda não gostava de cachorros.

Nem de seres humanos.

Nem de coisa alguma além dela mesma, melhor dizendo.

A decisão de nos mudarmos para o sul do país tinha sido dela. Meu pai ficara mais do que feliz em satisfazer o desejo da nova esposa sem nem ao menos me consultar — o que não era nenhuma novidade. Papai e eu não estávamos nos melhores termos fazia algum tempo.

— Srta. Valentina Albuquerque? — chamou uma voz masculina.

Estranhei um pouco.

A cidade litorânea tinha uma infinidade de estabelecimentos comerciais, um grande teatro, um porto movimentado, restaurantes, hotéis, um fluxo de carruagens incessante — assim como de pedestres. Era muito maior que o vilarejo onde passei minha vida toda, e sua sociedade era bem mais complexa. Ainda assim, apesar de ter sido apresentada a algumas dezenas de pessoas, eram apenas estranhos cujos nomes muitas vezes eu precisava me esforçar para lembrar. Por isso fiquei tão surpresa ao ouvir meu nome ecoar pela rua principal naquela manhã.

Procurando por entre os rostos dos cavalheiros e damas que perambulavam pela calçada em frente às construções de fachadas coloridas, avistei do outro lado da rua a última pessoa em quem teria pensado.

— Sr. Romanov! — exclamei, estarecida, mas incrivelmente contente por encontrar um rosto amigo.

Bem, não exatamente amigo. Minha família e os Romanov nunca foram muito íntimos. Apesar de termos sido quase vizinhos a vida toda, minha mãe não tolerava a presença de lady Catarina Romanov, de modo que Dimitri e eu nunca passamos de meros conhecidos.

Eu não sabia que ele estava na cidade. Ficava tão distante da vila, e, segundo os boatos, Dimitri andava bastante encrencado com dívidas de jogos para poder custear uma viagem como aquela. Alguns sussurravam que o problema era ainda pior: ele tinha sucumbido às garras do ópio, e, por esse motivo, lady Romanov ameaçara deserdá-lo. Corria à boca pequena que ele estava em busca de uma herdeira para conservar o estilo de vida que tanto parecia lhe agradar.

Ainda assim, fui acometida por uma alegria quase juvenil ao avistar o ruivo atravessando a rua a passos apressados, se detendo apenas para dar passagem a uma carruagem.

— Por Deus, é mesmo a senhorita! — foi dizendo tão logo me alcançou, sorrindo largamente e tocando o chapéu.

Ao vê-lo chegar tão perto, meu cachorro deduziu que eu estava em perigo e eriçou os pelos, rosnando baixo. Dimitri recuou de imediato, um tanto pálido.

— Está tudo bem, Manteiga. — Eu me inclinei para o lado, afagando o pescoço peludo do animalzinho. — O sr. Romanov é meu amigo.

Meu guardião não pareceu muito convencido, mas se aquietou, ainda que os dentes estivessem arreganhados.

Mantendo uma distância segura, Dimitri se recompôs e fez um cumprimento galante.

— Não esperava encontrá-la. Fui informado de que se mudou da vila, mas nunca soube para onde. Como tem passado, senhorita?

— Estou muito bem, sr. Romanov. É uma alegria revê-lo. O que o trouxe para o sul?

— Negócios — disse simplesmente, me examinando de cima a baixo. Então os cantos de sua boca se ergueram. — O ar do litoral lhe fez muito bem, srta. Valentina. Parece ter florescido desde a última vez que nos vimos. Permita-me dizer que nunca a vi mais bela!

Bem, aquilo não era exatamente verdade. Além do traje desgastado, das luvas quase se desmanchando, eu tinha perdido algum peso, a ponto de as extremidades do meu espartilho quase se unirem na parte de trás. Dimitri era conhecido pela galanteria, muitas vezes exagerada, como era o caso agora.

— Obrigada. O senhor também me parece muito bem.

Dimitri sempre se vestia na última moda. Naquela manhã, escolhera calças e colete branco e os combinara com um paletó de brocado vermelho de ótimo corte, que lhe assentava nos ombros generosos à perfeição. Achei um tanto brilhante demais para uma manhã ensolarada como aquela, mas quem era eu para julgar o guarda-roupa de alguém?

— Como está lady Romanov? — perguntei.

Por um breve instante, o desagrado endureceu suas feições, mas ele deu uma resposta educada. Não pude me conter e comecei a indagar sobre Elisa e Teodora, a sra. Clarke e suas adoráveis meninas, o querido dr. Almeida, padre Antônio e todos os amigos de quem consegui me lembrar.

— Parece que saiu da vila, mas a vila ainda não saiu da senhorita. — Ele abriu um sorriso torto. Dimitri não poderia estar mais certo. — Espero ter notícias suficientes para sossegar esse seu coração ansioso. Por que não me acompanha em um chá enquanto lhe atualizo?

— Eu adoraria, senhor, mas preciso ir ao armazém. — E já havia me demorado demais.

Ele observou a rua, um vinco se aprofundando entre as sobrancelhas.

— Não conheço a cidade ainda, cheguei ontem, mas, se me mostrar o caminho, será um prazer acompanhá-la.

Manteiga latiu, como se dissesse: “Mas eu já estou fazendo isso”. No entanto, seria muito indelicado recusar a gentileza, não é? Além do mais, era bom conversar com um conhecido, de modo que acabei aceitando seu braço. Caminhamos pela rua central, mantendo o ritmo, enquanto Dimitri me contava o que sabia. Infelizmente, as notícias não eram as que eu esperava. A casa onde nasci e cresci, e onde agora morava minha querida amiga Elisa e seu marido, o dr. Lucas Guimarães, passava por uma imensa reforma depois de ter sido atingida por um grave incêndio.

— Incêndio?! — Meu coração perdeu a cadência. — A casa pegou fogo? Elisa... o dr. Lucas... os empregados...

— Acalme-se. — Ele pousou a mão sobre a minha, que descansava de leve na dobra do seu cotovelo. Um gesto tranquilizador, que de alguma forma me deixou um pouco desconfortável. — A sra. Guimarães está bem. Eu a vi passeando com o marido pela vila não tem muito tempo. Creio que ninguém tenha se ferido gravemente.

Ao que parecia, uma vela tinha começado o incidente, mas Dimitri estava convicto de que todos passavam bem. O alívio foi tão grande que se não fosse pela crinolina rija eu teria tombado de encontro ao chão.

Ah, como eu queria que o serviço dos correios fosse mais eficiente. Eu só tinha recebido uma carta da minha amiga desde a mudança, com a data de uma semana após a minha partida. Estava muito preocupada com Elisa. Quando deixei a vila, ela estava prestes a se casar. No entanto, as coisas entre ela e o dr. Lucas não pareciam nada bem. E não eram apenas as correspondências da minha amiga que atrasavam: até mesmo as de tia Doroteia se demoravam, e ela nem morava tão longe dali.

A conversa me distraiu tanto que quando dei por mim já estávamos em frente ao prédio de tijolinhos à vista. Dimitri se desculpou por não poder me acompa-

nhar na volta — tinha alguns pormenores a resolver — e lamentou que não conversássemos mais.

— Por que não vai até minha casa esta noite? — sugeri, diante da porta do armazém, ansiosa para ouvir mais sobre os últimos acontecimentos na vila. — Daremos um jantar para comemorar o aniversário do meu pai.

— Ora, mas é claro que irei! Eu não perderia por nada a oportunidade de estar em sua adorável companhia, bela srta. Valentina! — Sem aviso, ele agarrou minha mão, levando-a aos lábios.

Meu rosto ardeu e eu pisquei algumas vezes, um pouco incomodada. Nunca fora muito boa naquele assunto. Flerte. Quer dizer, tinha sido um flerte ou apenas um cumprimento exagerado? Eu não era capaz de diferenciar uma coisa da outra. Eu era boa em algumas coisas: sabia bordar, pintar, executava uma peça ao piano razoavelmente bem. Meu francês era bom o suficiente para lecionar, se assim eu desejasse. Fazia cálculos de cabeça que a maior parte das pessoas não conseguia. Porém, a menos que o sujeito fosse bastante explícito em suas intenções, eu não era capaz de decidir se ele estava sendo educado ou me fazendo a corte. Eu nunca sabia o que dizer; apenas piscava um bocado — o que sempre acontecia quando eu ficava nervosa —, e meu rosto adquiria um tom escarlate nada atraente. Em se tratando de reconhecer o interesse masculino, eu era mais inútil que um candelabro com meia dúzia de velas acesas em uma tarde ensolarada.

Dimitri, por outro lado, era conhecido por lançar charme para qualquer coisa que usasse saias. Seria meio engraçado se ele desperdiçasse aquele talento comigo. Além de nunca ter havido interesse de qualquer das partes, o rapaz procurava uma noiva rica. Teria de estar muito desesperado se cogitasse a mim para o posto. Eu não tinha no guarda-roupa um único vestido com menos de quatro anos de uso. De fato, meu dote fora razoável um dia, mas havia muito que eu não podia ser considerada uma jovem abastada. Meu pai tinha gastado quase tudo com os caprichos da nova esposa.

De toda forma, puxei a mão, me libertando do toque de Dimitri. Se ele percebeu meu desconforto, não deixou transparecer e se despediu com animação.

Sem perder tempo, entrei no prédio de telhado alto, com meia dúzia de janelas no vasto salão repleto de prateleiras. Era o comércio que eu mais frequentava — depois de fazer uma pesquisa pela cidade, tinha percebido que os preços ali eram mais justos, e, além disso, sempre conseguia negociar um desconto.

Parei entre duas estantes pouco mais baixas que eu, analisando todas as possibilidades reluzentes, tentando adivinhar qual delas enterneceria o coração de

Walter de Albuquerque. Como não encontrei nada que parecesse ter sido feito por anjos e que contivesse poderes mágicos para operar tal milagre, me contentei em admirar uma bonita estátua de leopardo feita em pedra vulcânica. Seus detalhes eram tão perfeitos que o felino parecia prestes a saltar e ganhar vida. Seria um belo adorno para o escritório tão sóbrio do meu pai.

E também seria necessário que acontecesse em meu bolso o milagre da multiplicação das moedas para pagar apenas um dos olhos de cristal fumê daquela estátua.

A razão pela qual eu tinha ido até aquele estabelecimento era a esperança de que um presente pudesse fazer papai sorrir outra vez. Os primeiros trinta dias após a mudança tinham sido um tormento. O clima úmido e a casa fria fizeram meu pai adoecer. Foram necessárias várias semanas para que se recuperasse do ataque de asma. Mesmo agora, com a saúde restabelecida, ele não parecia o mesmo. Para ser franca, fazia algum tempo que eu não o reconhecia.

— Srta. Valentina — saudou o comerciante, surgindo bem atrás de mim como se eu o tivesse conjurado.

Dessa vez não me assustei ao ver a figura toda vestida de negro e seu semblante encovado, mas muito perspicaz. Eu já estava me habituando à sua maneira fantasmagórica de se mover.

— Bom dia, sr. Martinelli.

— A que devo o prazer de sua visita? Talcos novamente?

— Na verdade, hoje eu procuro um presente especial.

O homem de pouco mais de sessenta anos e uma larga careca gemeu, e eu não podia culpá-lo. Pechinchar se tornara palavra frequente em meu vocabulário nos últimos anos, e eu também não estava esfuziante com a situação.

— O que tem em mente? — ele quis saber.

— Eu não sei. É aniversário do meu pai. O senhor tem alguma sugestão?

— Bem, vamos ver...

O homem começou a vasculhar entre as peças. Sorri de leve ao vislumbrar os frascos de creme para cabelos da sra. Clarke dispostos em uma fileira organizada na tábua de baixo. Sofia estava dominando o país com seus cosméticos.

— O que acha desta, senhorita? — perguntou, me mostrando uma ponteira de aço para penas, uma árvore frondosa esculpida na base.

Decerto o dinheiro que eu havia juntado com muito custo graças à economia que andava fazendo no orçamento da casa — sem que Miranda soubesse, claro — seria suficiente para comprá-la. O problema é que papai tinha dezenas iguais àquela.

Todas de prata.

— Muito bonita — falei, devagar. — Mas acho que meu pai já tem ponteiras o suficiente. Ele nem gosta de escrever tanto assim.

Não muito entusiasmado, o homem voltou a investigar, se curvando para a parte mais baixa da estante. Eu me afastei um pouco para lhe dar espaço e esbarrei em um objeto às minhas costas: uma bela caixa de charutos marchetada. Corri os dedos sobre a tampa lisa; uma linha solta em minha luva se enroscou na fechadura dourada trabalhada. Depois de desprender o fiapo, eu a abri, examinando seu interior revestido de veludo cor de creme, as três pequenas prateleiras onde se aninhavam os charutos.

— Quanto quer por ela, sr. Martinelli?

— Hã? — Ele aprumou a coluna, então percebeu meu interesse pela caixa. Com um suspiro pouco entusiasmado, me disse o valor.

Ora, bolas! Eu tinha só sessenta e sete por cento daquela quantia. A menos que...

— Parece razoável, senhor. — Tentei manter a expressão neutra, unindo as mãos na frente das saias. — E ela valeria cada moeda, não fosse pelo defeitinho.

— Que defeitinho? — Puxando o óculo de dentro do bolso do colete, pendurou-o no olho esquerdo, aproximando o rosto para analisar o ínfimo lascado que eu indicava na lateral da peça.

— E acho que tem outro aqui. — Mostrei a ele uma parte mais escura na base da caixa. — Temo que isso reduza o valor. Não pode vender um produto defeituoso pelo preço de um em perfeito estado.

O sr. Martinelli se endireitou tão depressa que o óculo se despreendeu da cara enrugada e se balançou em frente à sua barriga, como o pêndulo de um relógio.

— É o nó da madeira, não um defeito, senhorita.

— Isso é o que um vendedor experiente diria para justificar uma peça defeituosa — arrisquei, sem muita convicção.

— Srta. Valentina, lamento, mas o preço é o que eu lhe disse. — Ele fechou a caixa, em um gesto pouco animador, e começou a se afastar.

— Não! Espere, sr. Martinelli! Tenho uma proposta para o senhor. Irrecusável! — Desenroscando a bolsinha do pulso, eu a abri, puxando com cuidado a tiara de pérolas.

Eu tinha imaginado que poderia precisar dela. Eu a ganhara de vovó Augustine ao completar quinze anos. “Para quando se casar”, avisara ela, com um beliscão em minha bochecha. Isso estava tão próximo de acontecer quanto de asas coloridas nascerem em minhas costas. E eu não desejava nenhuma das duas coisas.

O brilho das pérolas capturou o interesse do vendedor, que não hesitou em estender a mão.

Com um suspiro, eu a entreguei a ele.

Ficam as cabeças, vão-se as tiaras.

Ah, bem, coisas muito piores tinham me acontecido. Era apenas uma tiara bonita que jamais seria usada, de todo jeito.

— Isso é alguma brincadeira, minha jovem? — Ele avaliou a peça de diversos ângulos. — Essas pérolas são verdadeiras?

— Minha avó teria preferido enfrentar a guilhotina a comprar uma pérola falsa. É um trabalho único. Veio da França com a vovó Augustine. Creio que o senhor saiba reconhecer um bom negócio quando se depara com um. Essa caixa de charutos está empoeirando no seu armazém. Pode levar anos até que a venda, sr. Martinelli. Já a minha tiara francesa não ficará em sua prateleira nem por uma semana. Ainda mais com a proximidade do baile dos Torres.

Najla pretendia dar um baile na quinzena seguinte. A sobrinha do joalheiro da vila havia se casado com Pedro Torres, um rapaz de boa família, coração grande e memória curta, e morava na cidade desde o ano anterior. Consegui visitá-la algumas semanas depois da mudança, um atraso devido à saúde frágil de papai. Desde então nos víamos quase todos os dias. Na verdade, eu passava mais tempo na casa deles que na minha. Alguns poderiam dizer que eu estava fugindo.

Minha consciência, por exemplo.

— A senhorita realmente deseja trocar esta joia pela caixa de charutos? — O sr. Martinelli me lançou um olhar especulativo.

— Sei que ela vale mais. Então, talvez o senhor pudesse abrir um crédito para futuras compras?

A expressão do comerciante se iluminou, e tive certeza de que chegaríamos a um acordo...

... se o som de botas pesadas não tivesse repercutido pelo ambiente com a mesma sutileza de uma carroça carregada de vidros tombando na estrada.

— Capitão Navas! — exclamou o comerciante.

Esquecendo-se de que estávamos no meio de uma negociação, ele me entregou a tiara sem parecer se dar conta do que fazia e se adiantou para recepcionar o recém-chegado. Devia ser um rei ou algo do gênero, pensei, um pouco aborrecida. O sr. Martinelli parecia prestes a se ajoelhar diante do sujeito e lhe beijar as botas.

— Finalmente tenho a honra de recebê-lo em meu humilde estabelecimento — adicionou, a fisionomia normalmente moribunda cintilando euforia.

— E pretendo fazer bom uso dele, sr. Martinelli. Boa tarde, senhorita.

— Boa tarde — respondi de má vontade ao sr. Importante. Não pretendia lhe dedicar muita atenção (o sr. Martinelli estava mais do que disposto a desempenhar esse papel), por isso fiz um rápido aceno, mal lhe dirigindo um olhar.

No entanto, algo me fez mudar de ideia. Ele também já ia virando o rosto para o dono do armazém, mas voltou atrás e mirou aquelas duas íris cinzentas em mim. Tive um sobressalto. A tiara escorregou das minhas mãos inesperadamente frouxas ao passo que meus batimentos cardíacos se tornaram instáveis. Comprimi os dedos contra o estômago, onde um milhão de borboletas pareciam bater suas asas, uma palavra atravessando meus pensamentos. Um sussurro, um zumbido que não fazia nenhum sentido. Foi totalmente desconcertante.

E inquietante. Eu nunca vira aquele homem antes, estava certa disso. Ele tinha um ar diferente; nobre, mas um pouco insolente. Elegante e ao mesmo tempo perigoso, como um grande felino. Talvez fosse o rosto oval e anguloso, o maxilar rígido recoberto pela barba escura ou os cabelos negros e indômitos que davam essa impressão. Podia ser também a pele bronzeada, que ressaltava ainda mais a cor das íris, no mesmo tom cinzento do cristal na estátua de leopardo. Mais provável que fosse a cicatriz no lábio superior. A marca em meia-lua era quase imperceptível, mas estava ali, me alertando de que ele não era o tipo de cavalheiro com o qual eu estava acostumada a lidar.

Então a palavra que sussurrava em minha mente com muita insistência não tinha fundamento ou razão. Mas lá estava ela, cada vez mais alta e clara.

Você.



Eu precisei de um instante para me recuperar. E teria facilitado muito se o rapaz não continuasse me encarando com toda aquela intensidade. Era como se ele pudesse me ver por dentro, vislumbrar tudo o que acontecia ali. E realmente não era uma boa ideia naquele instante, já que eu mesma não sabia o que estava acontecendo comigo.

Minhas bochechas corresponderam ao seu exame com uma explosão carmim, a pulsação apitando em meus ouvidos. A temperatura do ambiente pareceu mudar de repente, como se o verão estivesse nascendo bem no centro daquele armazém.

— Olá! — ele disse, retirando o chapéu preto, mas seu sotaque fez a palavra soar como *ôla!* Argentino ou espanhol, talvez?

— Olá — murmurei.

— Já conhece a srta. Valentina, capitão? — Ouvi a voz do comerciante, embora ainda estivesse presa ao encantamento lançado pelos olhos cinzentos daquele estranho.

Um capitão. Um homem do mar. Isso explicava algumas coisas. Por exemplo, o porte esbelto, de ombros largos, cintura estreita e pernas que pareciam ainda mais longas por causa das botas pretas de couro. E também a forma como ele se movia: ágil, preciso, maciço. Foi dessa maneira que ele se dobrou para apanhar alguma coisa do chão. O rapaz um pouco mais velho que eu se vestia com elegância, reparei, apesar de a gravata estar um pouquinho desalinhada. Não devia ser um militar, no entanto, já que não trazia dragonas nos ombros do paletó azul-marinho. Ao se endireitar, a elegância de seus movimentos pareceu fora de contexto devido à sua altura — algo em torno de um metro e oitenta.

Sua boca se esticou em um sorriso crescente, a cicatriz gradativamente esvanecendo. Meu coração pareceu tropeçar no peito.

— Ainda não tive esse prazer. Creio que isso seja seu. — Estendeu-me alguma coisa.

Com algum custo, consegui me libertar daquele olhar e contemplei o que ele me oferecia.

Minha tiara!

Vergonhosamente, demorei um instante para entender que deveria pegá-la.

— Ah. Obrigada — falei, ruborizando.

— Não por isso. Leon Navas, a seus serviços, senhorita. — Ele se curvou em uma mesura galante, *ainda* me admirando como se fosse incapaz de não fazê-lo.

Daquela distância, suas íris cinzentas eram ainda mais hipnóticas. Dois tons se sobrepunham para formar aquela coloração tão única: o denso fundo azul era praticamente encoberto por veios e ranhuras brancas, como a explosão de fogos de artifício, congelada para sempre dentro daquele olhar em seu momento mais exuberante.

Minha nossa! Será que alguém teria acendido a lareira do armazém?

Não que eu me recordasse de já ter visto uma no estabelecimento, mas era melhor apagá-la antes que o prédio se incendiasse. Eu mesma estava a um passo disso.

Um pequeno V se formou entre as grossas sobranceiras negras do capitão. Ah, sim! Ele aguardava que eu me apresentasse.

— Valentina Albuquerque. É um prazer...

— Eu estava ansioso para que o senhor me fizesse uma visita — atalhou o sr. Martinelli, como se, depois de cumpridas as formalidades, não pudesse esperar para agradecer ao capitão Leon Navas.

Após uma breve hesitação, o jovem se voltou para o comerciante, me liberando do feitiço daquelas íris metálicas. Toquei a bochecha para confirmar que elas não estavam pegando fogo e estudei o ambiente em busca da fonte de calor. Todas as janelas estavam abertas, e não encontrei nada que explicasse a súbita mudança climática. De onde vinha toda aquela quentura, afinal?

— Sinto que pode ser o início de uma bela parceria — refletiu o sr. Martinelli. — Apenas me deixe pegar os papéis de que lhe falei. Aguarde só um instantinho.

— Não é necessário se apressar. Eu posso... — Mas as palavras do capitão Navas se perderam, já que o comerciante desapareceu por uma portinha nos fundos da loja.

Reprimi um suspiro, fitando a tiara em minhas mãos. Ao que parecia, minha negociação ficaria em suspenso até que o sr. Martinelli resolvesse seu assunto com Leon Navas.

— Sinto muito. — O capitão riu sem jeito, correndo os dedos pela negra cabeleira revolta. — Não tive a intenção de interromper. Imagino que o sr. Martinelli tenha medo de que eu saia correndo e retorne à Espanha antes que possamos entrar em um acordo.

Era espanhol, então.

— Não tem importância. Eu posso esperar.

— Mas não devia. — Acomodando o chapéu negro debaixo do braço, fez uma breve, porém criteriosa avaliação do armazém. Não pareceu muito impressionado, de modo que voltou sua atenção para mim. — A senhorita disse que seu nome é Albuquerque?

— Sim. Valentina Dominique Emanuelle Martin de Albuquerque.

Um brilho divertido iluminou sua expressão.

— A senhorita tem...

— Um bocado de nomes. Eu sei. — Suspirei, brincando com a alça da bolsinha em meu pulso. — Mamãe não conseguia se decidir entre Valentina, Dominique e Emanuelle, então resolveu me dar os três nomes. Isso foi motivo de diversos pesadelos logo que comecei a tomar aulas e chegou o momento de aprender a escrever o meu nome. Eu era sempre a última das meninas a terminar.

O motivo de eu ter contado aquela história para um estranho me escapou totalmente.

Leon tentou impedir que os lábios se esticassem, mordendo o inferior. Mas acabou perdendo a batalha, e um lindo sorriso estampou seu rosto. E era uma bela boca. Ele fazia bem em usá-la...

— Eu ia dizer que você tem o nome de alguém da realeza — explicou, bem-humorado.

Puxei uma linha solta da luva, rindo.

— Não poderia estar mais distante da verdade, senhor.

— Tem certeza? Você até tem uma coroa. — Ergueu as sobrancelhas, indicando a tiara que pendia da minha mão esquerda.

— Se sou, é segredo até para mim. — Dei de ombros. — Mas por que perguntou sobre minha família? Conhece algum Albuquerque?

— Talvez.

Recostando-se à estante, apoiou o cotovelo na prateleira e esbarrou acidentalmente na caixa de charutos. O artefato despertou seu interesse. Esquecendo o

chapéu sobre umas das tábuas, se pôs a avaliar o item que eu pretendia comprar, girando-o entre as mãos.

— *¡Perfecto!* — Sem mais nem menos, colocou minha caixa debaixo do braço.

— Perdoe-me, capitão. Infelizmente, não pode comprar esta caixa. — Estendi os braços e a tomei dele, colocando-a de volta na prateleira, sob seu olhar confuso. — Eu estava negociando justamente esta peça pouco antes de o senhor entrar.

Ele inclinou a cabeça para o lado, ainda sem entender.

— É mesmo? E por que ainda não concluiu o negócio?

— Porque o senhor chegou. — Não era óbvio?

Não. Não para ele, percebi, vendo a confusão dominar seu rosto. Ele voltou a me admirar, mas dessa vez seu escrutínio era diferente, menos encantado e mais perspicaz, capturando todos os detalhes que eu gostaria de ocultar: o vestido verde-claro, cuja estampa de minúsculas flores desbotara quase totalmente; os sapatos, que um dia foram brancos, de tão usados apresentavam uma coloração opaca; a luva se desfazendo. Então a tiara de pérolas se balançando entre meus dedos.

— Ah. Compreendo. — Assentiu uma vez, apanhando seu chapéu. — Estava propondo uma troca. Sua tiara pela caixa. Sabe, eu não recomendaria. Sua tiara vale muito mais.

Eu me empertiguei, um pouco irritada com sua expressão presunçosa.

— Sei muito bem quanto vale minha tiara, capitão. E agradeço por sua preocupação, mas prefiro fazer meus negócios sozinha, se não se importa.

— Mesmo que perca dinheiro? — questionou, em um tom que insinuava que ele sabia das coisas e eu não.

Ora, mas que audácia!

— Neste caso, não se trata de dinheiro. — Bem... mais ou menos. — Mas de conseguir aquilo de que preciso.

— Sempre se trata de dinheiro, senhorita. — Mudou o chapéu de uma mão para a outra, parecendo tenso. — E receio que tenhamos um problema. Eu também preciso dos charutos.

— É mesmo?

Ele anuiu uma vez, encolhendo os ombros em um claro pedido de desculpa.

— Mas... mas eu a vi primeiro. — Ah, está bem. Eu sabia que tinha soado tão madura quanto meu irmãozinho, Felix. Mas o que eu podia fazer? Eu realmente precisava daquela caixa.

Obviamente, meu comentário o divertiu.

— Em uma negociação... — começou, tentando muito manter controle sobre seus lábios. E falhando. — Se leva em conta quem tem o dinheiro, não quem chegou primeiro.

A insinuação em suas palavras me fez estreitar os olhos.

— O senhor não ousaria...

— Eu realmente preciso dos charutos. — Sua boca se apertou em uma pálida linha fina, e ele abriu um dos braços.

— E eu também! Ela já seria minha a esta altura, se o senhor não tivesse feito tanto estardalhaço ao entrar no armazém.

Minha explicação provocou uma reação nele. Uma reação que não me era muito favorável. Endireitando a postura, o rapaz observou o interior da lojinha antes de me encarar com ar sarcástico.

— A menos que eu esteja louco, pensei que isto fosse um estabelecimento comercial. Não preciso ser anunciado. Ou será que as regras mudaram e eu não fui informado?

— Não havia motivo para entrar aqui parecendo um urso com dor de dente — resmunguei baixinho.

— Um urso? — Riu.

Porcaria. O homem devia ter um ouvido e tanto.

E estava adorando se divertir a minha custa, não?

Empertiguei os ombros, erguendo o rosto a fim de encará-lo.

— Acho que mudei de ideia, capitão. Pode se desculpar novamente. Desta vez vou aceitar.

Minha movimentação atraiu seus olhos para a curva do meu pescoço, a clavícula exposta pelo meu decote...

Sacudindo a cabeça como que para recobrar o foco, tornou a me encarar, as bochechas decoradas por um suave rosado.

— Lamento desapontá-la, senhorita, mas não tenho o hábito de me justificar por coisas pelas quais desculpas são desnecessárias.

— Não me admira. — Toquei discretamente o ponto na garganta onde seus olhos estiveram, a pele subitamente ardente. — O senhor não parece ser o típico cavalheiro cortês.

Em uma fração de segundos ele estava a menos de um palmo de mim.

— E a senhorita não parece ser muito justa. É sempre tão ávida em julgar o caráter das pessoas, ou eu sou apenas um homem de sorte?

— Minha avidez talvez esteja relacionada à sua obstinação em alardear sua falta de cavalheirismo, senhor.

Ele pressionou os lábios — o inferior era um pouco mais cheio que o superior; não estou certa de por que isso me pareceu importante naquele momento — antes de liberar toda a intensidade daquele olhar metálico sobre mim.

— Temo, senhorita, que não possa negar minha falta de refinamento, tanto quanto seria hipocrisia de sua parte negar sua incapacidade de refrear a língua.

— Muitas vezes, a boca é a única arma de uma dama — desafiei, elevando o queixo.

— Isso é um convite?

— Um convite a quê?

Mas então aquele arquear de sobrancelha, aliado ao esgar travesso que lhe repuxou um dos cantos da boca, esclareceu o que se passava em sua mente, e até eu, que sempre fui um zero à esquerda nesses assuntos, compreendi o que ele sugeria.

Oh, aquele atrevido!

— Capitão Navas, por favor! — censurei, enrubescendo.

O homem não era apenas petulante, mas seu intelecto também deixava a desejar, já que minha repreensão se perdeu nele.

— *Ainda* soa como um convite. — O que antes era apenas um arremedo se concretizou em um sorriso largo que provocou coisas inusitadas e muito inopertunas pelo meu corpo todo.

— Minha mãe estava certa, afinal — pensei alto. — Não se pode confiar em um homem do mar.

“Não deve confiar em um homem que já tem um amor, Valentina”, ela dissera certa vez. “Um marinheiro sempre vai voltar para o mar e deixá-la em casa cuidando dos filhos. Isso não é ser uma esposa, mas apenas uma governanta com benefícios.”

Agora que eu havia crescido e compreendia melhor o casamento, não era sempre assim?

Minhas ilusões quanto ao amor haviam morrido fazia muito tempo. Agora eu entendia que um matrimônio era exatamente como comprar um novo sapato de festa. Parece uma boa ideia no início, mas logo descobrimos que nos enganamos e acabamos bastante feridas.

De toda maneira, mesmo que eu pensasse de outra forma e ignorasse os conselhos da minha mãe, jamais teria cogitado Leon Navas para o posto de marido de ninguém, muito menos o meu. Eu acabaria por esganá-lo antes de sair da igreja.

Aliás, por que esse assunto me veio à mente mesmo?

— Devia dar ouvidos ao que sua mãe diz — alertou o capitão, um tanto ríspido. — Marinheiros como eu costumam devorar mocinhas inocentes como a senhorita antes do café da manhã.

— Não sou nenhuma mocinha inocente. — Ao menos no que se referia à minha idade. — E sei o que está tentando fazer, mas adianto que não vai funcionar.

Duas largas sobranceiras se ergueram de um jeito debochado, como se perguntassem: “Sabe mesmo?”

— Está tentando me convencer de que é assustador, senhor, para que eu saia correndo deste armazém, e então possa ficar com a caixa de charutos. Isso não vai acontecer, capitão. Eu não tenho medo de você.

— Mas deveria ter. — O paletó ficou mais justo nos ombros conforme Leon cruzou os braços. — Não sou o tipo de homem que você está acostumada a ter rastejando aos seus pés.

— Não tenho o hábito de me relacionar com répteis. Na verdade, tenho horror a eles. Não suporto nada rastejando perto de mim.

Assim tão perto, pude ver a barba despontando na pele dourada. Sabe Deus por que, me perguntei como seria senti-la na ponta dos dedos. Ou contra minha bochecha. Meu queixo... Um pensamento bastante inquietante, e me perguntei se talvez eu não devesse lhe dar ouvidos e temê-lo. Estava me perdendo com muita facilidade dentro daqueles olhos cor de prata. Apesar disso, por mais que suas palavras contivessem um alerta, a maneira como ele me observava destoava — e muito! — da frieza e rigidez do metal.

— Mas percebo que acredita mesmo no que diz — murmurei, um pouco mexida com o súbito calor que aqueceu seu semblante. — E está apenas enganando a si mesmo. Tenho a impressão de que o senhor gosta de latir bem alto. Mas é tudo o que faz: barulho.

Ele relaxou os braços, me admirando como se eu fosse uma coisinha bastante peculiar. Se a maneira como o sr. Martinelli o recebera era um indicativo de como as pessoas o tratavam, então desconfiei de que eu fosse mesmo.

Inesperadamente, algo nele mudou. Não sei exatamente o que, mas senti na pele o exato instante em que a atmosfera que nos cercava ficou mais quente, densa. Aqueles dois cristais cinzentos adquiriam profundidade, intensidade e um brilho quase ofuscante que fez meu pulso perder a cadência, e meus joelhos, o equilíbrio.

Por sorte o sr. Martinelli escolheu voltar ao recinto, me dando a desculpa perfeita para recuar. Escorei-me discretamente na prateleira enquanto o mundo parecia girar mais depressa.

— Aqui está, capitão Navas — o sujeito foi dizendo, um pedaço de papel na mão. — A lista de tudo o que eu gostaria de lhe oferecer, e de algumas coisas que o senhor comercializa e são do meu interesse. Creio que será um acordo bom para nós dois.

Pela visão periférica, vi Leon dar um passo para trás, esfregando a boca ao mesmo tempo em que soprava o ar com força.

Ah, sim! Era uma excelente ideia respirar, sobretudo porque eu não tinha ideia de havia quanto tempo prendera o fôlego. Logo que enchi e esvaziei os pulmões algumas vezes, a tontura começou a passar, embora a quentura na pele persistisse.

Leon apanhou o papel da mão do comerciante e o examinou por não mais de um segundo antes de dobrá-lo, fazendo-o desaparecer no bolso do paletó.

— Imagino que possamos tratar deste assunto depois, com calma, sr. Martinelli. A *doce* — enfatizou a palavra — srta. Valentina já esperou tempo demais.

O proprietário do armazém pareceu confuso, me contemplando como se não compreendesse o motivo de eu estar ali.

— Ah, mas é claro — exclamou, após um embaraçoso momento. — Claro que sim. A senhorita queria... o que mesmo?

— A caixa marchetada de charutos, sr. Martinelli.

— Está brincando? — Leon fingiu surpresa e eu desejei ter dinheiro o bastante para poder pagar pela estátua de leopardo, apenas pelo prazer de arremessá-la em sua cabeça. — Pois foi justamente atrás dela que eu vim!

— É mesmo? — perguntou o proprietário, caindo naquela atuação patética.

O sr. Cínico expirou com exagero, em uma pouco convincente tentativa de aparentar desapontamento.

— Temo que sim. — Então me lançou o mais inocente dos olhares. — Se eu não precisasse dela, se fosse apenas um capricho, teria muito prazer em me retirar dessa disputa, senhorita. — E, dirigindo-se ao comerciante: — Temo que o senhor terá que decidir, sr. Martinelli, já que dificilmente conseguiremos chegar a algum lugar.

Empalidecendo, o sr. Martinelli me estudou, depois a Leon, e de novo a mim. Gotículas de suor lhe brotaram na testa.

— Bem, bem... — Puxou um lenço do bolso do colete e deu leves batidas nas têmporas. — Que situação desagradável.

— O senhor tirou as palavras da minha boca. — Fulminei o capitão Navas.

Como o desaforado que era, sua resposta foi sorrir e estalar os dedos, como se subitamente uma ideia lhe tivesse ocorrido.

— Poderíamos fazer do jeito antigo — sugeriu. — Quem der o maior lance fica com a caixa. Parece justo, srta. Valentina?

— De fato acredita que eu lhe daria uma resposta afirmativa?

— Ótima ideia — falou o sr. Martinelli, não parecendo me ouvir. — Quem quer começar?

— Damas primeiro, é claro. — Leon fez uma mesura galante, e, francamente, cogitei a possibilidade de negociar com o sr. Martinelli toda a mobília do meu quarto em troca daquela estátua. Eu não precisava de uma cama tanto assim. E faria qualquer coisa para apagar o sorriso atrevido daquele espanhol irritante.

Eu havia sido enredada em uma armadilha, e o capitão Navas estava ciente de que eu sabia disso. Mas que escolha eu tinha?

— Muito bem. — Eu me aprumei, dirigindo-me ao comerciante. — O senhor já sabe qual é a minha oferta.

— Estou disposto a pagar o dobro — o capitão anunciou. Então voltou a cara deslavada para mim. — Lamento tanto, senhorita, mas realmente preciso dos charutos.

— Não, não lamenta — sibilei, entredentes.

O pobre sr. Martinelli secou a testa outra vez.

— Bem... Quem paga mais fica com o produto. Sinto muitíssimo, srta. Valentina — adicionou, para meu desespero.

Sem hesitação, o capitão Navas colocou o chapéu debaixo do braço e envolveu os dedos bronzeados na caixa sobre a prateleira, começando a segurar o dono do estabelecimento até o balcão. No entanto, Leon parou na metade do caminho e refez os passos até estar tão perto que, ao se inclinar, sua boca ficou a centímetros de minha orelha.

— Acredito, senhorita... — murmurou ali — ... que eu tenha acabado de mordê-la.

Um rosnado baixo se esgueirou pela minha garganta, ao mesmo tempo em que cerrei os dedos ao lado das saias para evitar que, acidentalmente, meu punho encontrasse aquele sorriso prepotente.

Eu lhe dei as costas — minha saia esbarrou na prateleira mais baixa; alguns vidros sacolejaram — e marchei para fora do armazém sem olhar para trás. Assim que passei pela porta, Manteiga se ergueu sobre as patas, correndo para acompanhar meus passos ligeiros como um perfeito cavalheiro. Um *verdadeiro* cavalheiro, aliás, ao contrário de certos homens que apenas ostentavam o título.

Eu não responderia pelos meus atos caso alguma vez na vida tivesse que me ver novamente sob o mesmo teto que aquele sujeito. Era mesmo muito bom ele

ser um marinheiro, assim logo deixaria a cidade e eu nunca mais precisaria me preocupar com aquele...

Precisei caminhar por algumas quadras antes de conseguir me acalmar e apagar aquele marinheiro dos pensamentos. Pela primeira vez fiquei grata por não conhecer as pessoas com quem cruzava pela rua e não ter que socializar quando tudo o que eu queria era... era...

— *Argh!* Espanhol irritante!

No entanto, meu encontro infeliz com o capitão Navas ficou em segundo plano logo que passei diante de uma porta azul, a janela baixa combinando, uma plaquinha de madeira pendurada sob ela com os dizeres "ALFAIATE". Fiquei tentada a entrar e comprar uma gravata nova para meu pai. Era tudo o que meu dinheiro poderia pagar, já que nem todo mercante era admirador do meu antigo objeto de barganha. O problema é que, sem companhia, eu não poderia pisar naquele reduto masculino. Uma dama jamais se atreveria. Seria muito escandaloso! Já não era visto com bons olhos que eu perambulasse pela cidade sozinha.

Eu ainda ponderava se seria atrevida o bastante para arriscar entrar, por isso não percebi que alguém na rua saltou da carruagem até que o vulto estivesse bem ao meu lado.

— Ah! Sr. Nogueira. — Toquei meu pescoço, tentando acalmar a pulsação enquanto Manteiga pulava em sua perna, abanando o rabo. — Que susto o senhor me deu.

O rapaz de pouco mais de vinte anos corou, tirando o chapéu e o retorcendo na altura da barriga plana.

— Perdoe-me. Pensei que tivesse visto quando me aproximei. Acenei algumas vezes antes de descer da carruagem. Sou um homem difícil de não ser notado, sabe?

De fato, o jovem Inácio Nogueira, vizinho de nossa propriedade, com seus quase dois metros de altura, não passava despercebido, fosse pelo tamanho, o rosto pálido que parecia ter sido esculpido por algum anjo de muito bom humor ou os cabelos castanho-claros encorpados, sempre perfeitamente penteados. Eu não conhecia muitas pessoas ainda, mas já havia percebido que, por onde passava, ele deixava um rastro de suspiros e bochechas afogueadas. Às vezes eu desejava ser uma daquelas moças. Seria uma boa mudança ocupar meus pensamentos com um belo rapaz e fantasias de um final feliz, em vez do tradicional: *O que vou fazer do restante da minha vida?*

— Creio que eu estava distraída — respondi, sem jeito. — Perdoe-me.

— Não, eu é que peço desculpa por tê-la assustado. Foi imperdoável. Posso compensar meu erro acompanhando-a até em casa? Deduzo que tenha vindo sozinha. De novo.

— Sr. Nogueira, será que, em vez disso, poderia me acompanhar até ali dentro? — Indiquei a porta azul, optando por ignorar sua censura. — Gostaria de comprar uma gravata para papai.

— Pensei que pediria algo mais desafiador — brincou, já me oferecendo o braço. — E depois a levarei para casa.

— O senhor não precisa se dar o trabalho de voltar todo o caminho apenas para me escoltar.

— Não será trabalho algum. Gosto de conversar com a senhorita.

Talvez porque apenas um de nós falasse. Em geral, minha timidez me impedia de sustentar uma conversa, sobretudo com alguém que eu não conhecia muito bem. Mas com o sr. Nogueira eu não precisava me preocupar. O rapaz preenchia os hiatos antes mesmo que eles existissem.

Diferentemente daquele marinheiro bruto, o sr. Nogueira foi a perfeita encarnação da cortesia e das boas maneiras ao me conduzir para dentro do prédio. E também mais tarde, me ajudando a subir em sua carruagem. Inácio aproveitou o curto trajeto para me inteirar sobre os lucros que tivera no último ano com as sacas de milho. Manteiga se deitou sobre meus pés enquanto eu assentia e sorria vez ou outra para meu vizinho, apertando entre os dedos a caixinha com a gravata, até que em algum momento parei de ouvir e meus pensamentos vagaram em outra direção.

Papai completava cinquenta e oito anos naquele dia. Pela terceira vez mamãe não estaria presente para comemorar sua nova idade. Ainda doía muito. Sua morte me devastara. Não apenas por sua ausência, mas minha vida — minha antiga vida — fora destruída no processo. Minha casa, família, posição social, amigos, o local onde passei toda a vida... Não restara nada além de lembranças. Todo o meu mundo ruíra de uma só vez. E a pessoa que deveria estar ali para me estender a mão, me ajudar a sair de debaixo dos destroços, me deixou soterrada em um canto enquanto reconstruía a vida com outra mulher.

Muitas pessoas se dizem sozinhas mesmo estando em meio a uma multidão, presas em um tormento pessoal cuja saída parece não existir. Eu as compreendia, pois era neste ponto em que eu estava: perdida em um labirinto de desespero e solidão, tentando recomeçar. Mas como eu faria isso se, a cada vez que tentava fincar um alicerce, em vez de terra firme encontrava apenas areia?

Esse era o motivo pelo qual eu tinha brigado tanto por aquela caixa de charutos. Mamãe comprava uma daquelas para o meu pai em todos os Natais desde que eu me entendia por gente. Se eu a tivesse conseguido, sei que ele teria se recordado disso. E quem sabe se lembrasse da minha existência também.

3

Ao chegar em casa, desamarrei o laço do chapéu em meu queixo ainda no hall, suspirando. Toda aquela andança pela cidade tinha me deixado exausta.

Na sala, vi um borrão avermelhado em meio ao amarelo sufocante da decoração. Aquela era a marca de Miranda: ouro. Nas cortinas, na mobília, no papel de parede, nos lustres, no tapete e até nas velas. Era como se o rei Midas tivesse passado mal naquele ambiente.

Suelen, que folheava uma revista de moda no sofá de veludo dourado, as mechas ruivas presas no alto da cabeça em um gracioso e não tão bem comportado coque, me ouviu chegar e sorriu.

— Que bom que voltou, Tina. Preciso de ajuda — foi dizendo, erguendo a revista. — Acha que este modelito ficaria bem em mim? Estou pensando em mandar fazer para o baile de Najla.

Contornei a poltrona e me sentei, estudando o desenho de um belo traje de gala na página que ela mantinha aberta.

— É muito bonito, Suelen. Tenho certeza de que ficará encantadora nele. Tudo fica lindo em você.

— Exceto laranja. — Enrugou o delicado nariz salpicado de sardas. — Me deixa parecida com alguma coisa que alguém esqueceu na chuva e enferrujou.

Dei risada daquele absurdo. Minha prima tinha aquele ar de mistério que sempre cerca as ruivas, com um toque de alegria nos olhos escuros tão ligeiros. Ela viera nos visitar pouco depois da mudança, quando a saúde de papai ainda exigia cuidados. Pretendia ficar apenas uma quinzena, mas, para minha alegria, decidiu que permaneceria conosco até o início do verão.

— Como foi o passeio com o sr. Flores? — perguntei, desabotoando as luvas. Jogando o periódico no sofá, esticou as pernas, que se esconderam sob a mesinha de centro, e bufou.

Acabei rindo.

— Tão interessante assim? — Fingi compadecimento.

— Lamentavelmente. Tudo o que ele sabe é falar sobre suas preciosas cabras! Cabras, Tina! — Largou-se contra o encosto. Então me observou por entre os babados do vestido cor-de-rosa. — E você, conseguiu o que queria?

Não, graças àquele espanhol!

— Comprei uma gravata. — Terminei com as luvas e as guardei no bolso do vestido, mostrando a caixinha, sem muito entusiasmo. — E... bem... é branca. — Como todas as outras dezoito que meu pai tinha no armário.

— Estou certa de que tio Walter vai adorar — ela se apressou em dizer, percebendo meu desânimo. — E para você? O que comprou?

— Não preciso de nada.

Um ligeiro franzido lhe surgiu na testa.

— Valentina, não pode continuar desse jeito por muito mais tempo. Quer dizer, olhe só para você! — E foi o que ela fez. — Ainda é a moça mais bonita que eu conheço, mas estes seus vestidos já não deviam mais ver a luz do sol. Fazem você parecer tão... hã... sem recursos — completou, com delicadeza. — Você nasceu para ser uma princesa encantada!

— Acredito que a palavra correta seja desencantada... — brinquei.

— Você entendeu o que eu quis dizer!

Claro que sim. Não muito distante, meu guarda-roupa faria inveja a qualquer moça. Mamãe sempre fizera questão de que eu me vestisse com perfeição, mesmo que para isso tivesse que enfrentar papai. Ele sempre preferira empregar o dinheiro em algo mais lucrativo que a aparência da única filha. Mas então Miranda aconteceu. Papai e ela se envolveram quando minha mãe ainda estava viva. Enquanto dava à amante tudo do bom e do melhor, nossa casa ficava à míngua. Mais de uma vez passamos uma semana inteira nos alimentando apenas de batatas.

Percebendo meu abatimento, Suelen estalou a língua e pulou do sofá para o braço da poltrona, me abraçando tão apertado que meu espartilho se deslocou.

— Odeio que esteja passando por isso — murmurou em meus cabelos. — Odeio não poder fazer nada. Me deixe falar com o tio Walter. Os homens não percebem esses detalhes.

— Eu já tentei. Ele me disse que “tempos difíceis exigem sacrifícios de todos”. É o que eu tenho feito. Cuidando das contas da casa sem que Miranda saiba que

ando trocando seu caro talco francês por um mais barato. O mesmo vale para as bebidas e outras regalias.

Ela me soltou, me encarando com as sobranceiras abaixadas.

— Ah, sim. Eu vi sua madrasta se *sacrificando* ainda agora. Na modista!

— Ah. — Eu teria rido se não fosse trágico. — Tanto melhor. Prefiro dar meu presente ao papai sem que ela esteja por perto.

Deixando minha prima com sua revista, fui procurar meu pai. Eu o encontrei em seu escritório, atrás da larga mesa de ipê-rosa, um documento na frente do rosto. Ele havia se recuperado da crise de asma, mas o ataque ainda era visível no suave côncavo em suas bochechas e na maneira um tanto solta com que o paletó dançava em seus ombros.

Bati na porta escancarada.

— Posso entrar? — perguntei.

— Claro, Valentina. Algum problema? — Ele me avaliou por sobre a armação dos óculos, abaixando o papel, mas o manteve na altura do peito, pronto para retomar a leitura.

Eu não tinha muito tempo.

— Não devia estar trabalhando. Especialmente hoje. — Contornei a mesa e coloquei a pequena caixa branca à sua frente. — Feliz aniversário, papai.

Seu rosto se iluminou, surpreso. Esquecendo o documento, retirou os óculos de leitura, o farto bigode, mais cinza a cada dia, se abrindo sobre seu sorriso. E, assim, toda a humilhação que passei no armazém foi esquecida.

— Uma gravata! — exclamou ao remover a tampa. — Ora, vou usá-la hoje à noite mesmo! — Então coçou uma sobranceira volumosa. — Se Miranda ainda não tiver separado um traje para mim. Sabe como ela é...

Sim, eu sabia como ela era...

— Mas obrigado, Valentina. Eu gostei muito! — Deu duas palmadinhas em minha mão, e em um mesmo movimento apanhou seu documento. — Agora, se me der licença, minha querida, tenho alguns papéis para analisar antes do almoço.

— Precisa de ajuda? Sabe que sou boa com números.

Ele sorriu brevemente, já voltando a atenção para a papelada.

— Por sorte, eu também sou.

Não, ele não era. Meu pai se enquadrava no tipo “gastar antes e se preocupar depois”. Ainda assim, tratei de deixá-lo em paz, fazendo um aceno, que ele não chegou a ver.

Ao menos o sorriso durou uns bons dez segundos, me consolei, já no corredor, evitando olhar para o quadro em tons vermelhos de quase dois metros que me causava muita angústia.

Retornei à sala no instante exato em que a srta. Damires chegava da rua com o menino. Bastante robusto, somente a maneira angelical como se movia e o vocabulário denunciavam seus dois anos e meio.

— Ah, minha nossa, Felix! — Mordi a bochecha para não rir.

Os cachos escuros do meu irmãozinho se grudavam na testa, a pele dourada brilhando nos pontos onde estava limpa. Uns poucos centímetros, devo ressaltar.

— Tina! Tina! Tinaaaaa! Eu *encontei* um tesoió! — Disparou em minha direção.

— Sr. Felix, não! — A babá tentou segurá-lo. — Vai sujar a sua irmã!

Mas já era tarde, e ele tinha as mãozinhas encardidas de terra agarradas a minhas saias. Afastei os fios de sua testa suada, o coração se contraindo ao vislumbrar o sorriso repleto de dentinhos de leite. Eu amava Felix, não podia evitar, mesmo que às vezes sentisse que traía a memória de minha mãe. Ele fora gerado no período em que nosso pai ainda deveria guardar luto. Mas que culpa tinha o menino do erro de seus pais?

— Que tesouro encontrou hoje? — eu quis saber.

— Um *bilante*. Eu achei sozinho!

— E teve que escavar beem fundo, e por muuuito tempo, para achar esse tesouro brilhante, pelo que vejo.

— Muito, muito, muito! — Ele soltou um suspiro. — Eu tô muito cansativo.

— É cansado, sr. Felix. Estou muito cansado — ensinou a babá.

— Eu sei, *Damiles*. — Ele me observou com seus imensos olhos negros. — Ela fica muito cansado todo dia.

Suelen deixou escapar uma risadinha, ao passo que a babá apenas abriu os braços, concordando com a cabeça. Felix se pendurou em minhas saias, pulando.

— Você *qué vê* o que eu *encontei*, Tina?

Fiz que sim, lhe estendendo a mão, um tanto ressabiada. O tesouro de Felix podia ser uma lagartixa, um pedaço de cipó, um caco de vidro ou uma minhoca. Antes que eu pudesse piscar, ele colou algo frio e um tanto áspero em minha palma.

Por favor, que o molusco não esteja aí dentro, rezei, virando a concha marrom e azul com cuidado entre os dedos.

Vazia, constatei com um suspiro de alívio.

— É realmente muito bonita, Felix. — Eu a devolvi. — Onde vai colocá-la?

— No meu baú de *tesoios*. Eu vou ser um *pilata*.

Inconveniente e inesperadamente, um rosto bronzeado com os olhos mais claros que eu já tinha visto me veio à mente.

— Tem certeza? — perguntei, balançando a cabeça para me livrar da imagem indesejada. — Sabe, eu conheci um pirata esta manhã. Não quero que você seja como aquele homem.

— Conheceu? — perguntou, desconfiado. — Ele tinha *peina* de pau?

— Do que está falando, Felix? — perguntou Miranda, as plumas pretas no chapéu vermelho saltitando conforme adentrava a sala.

— Do *pilata*! — Meu irmão correu para ela. — A Tina viu um hoje, *mamá*!

— Felix, pare! — Ergueu uma das mãos. O menino, assustado, parou, tapando a boca. — Você está imundo, querido. E eu já disse que o nome de sua meia-irmã é Valentina. Não seja desagradável inventando apelidos.

Ela se virou para a babá, que parecia ainda menor no traje cinzento exigido pela patroa. Apenas para as criadas cuja beleza pudesse rivalizar com a dela, como era o caso de Damires, com suas generosas curvas, cabelos em tom de mel e olhos de topázio.

— O que faz aí? — perguntou, arqueando uma das finas sobrancelhas. — Leve o sr. Felix para o banho. Garanta que ele esteja apresentável. Vamos! Vamos!

— S-sim, senhora. Venha, sr. Felix — a moça se apressou, pegando meu irmãozinho pela mão e desaparecendo escada acima.

Miranda desfez o laço do chapéu, me lançando um sorriso mordaz.

— Então encontrou um pirata, Valentina? Parece que sua manhã foi bastante proveitosa.

Preferi ignorar o comentário e apontei a escada para Suelen. Em um átimo de segundo, minha prima apertou a revista de encontro ao peito e ficou de pé, atraindo o olhar aguçado de Miranda, que a avaliou de cima a baixo.

— Ah, você ainda está aqui. — Soltou um mortificante suspiro pesaroso, que fez Suelen enrubescer. Eu também senti o rosto queimar.

— Vamos — sibilei para ela.

Minha prima tratou de correr enquanto eu seguia para os degraus recobertos por uma passadeira vermelho-sangue.

Um dia, pensei, sonhadora. Um dia eu vou acordar e não terei de lidar com Miranda.

— Aonde pensa que vai sem nem ao menos me dirigir uma palavra, Valentina? — Miranda guinchou. — Quanta falta de modos! *Su madre* não foi tão atenciosa como deveria com a sua educação.

Atingindo o limite da paciência, me detive no segundo degrau da escada e me virei para encará-la.

— Ao contrário, senhora. Minha mãe me dedicou uma educação exemplar. Sei tudo sobre boas maneiras e posso ser gentil com uma visita, por exemplo.

Abrindo um sorriso que era puro veneno, minha madrasta espalhou a mão no centro do colo farto quase todo exposto pelo decote.

— E quando foi que deixei de ser gentil, Valentina? Uma visita minha jamais deixou esta casa sem ter sido muito bem tratada.

Achei melhor ignorá-la e continuei em frente. Estava quase alcançando o patamar quando vi o mordomo entrar um pouco esbaforido na sala, a correspondência disposta metodicamente sobre a bandeja.

— Tem alguma coisa para mim, sr. Romeu? — Eu me debrucei no corrimão.

O homem de cabelos espetados começou a abrir a boca. Miranda se adiantou e, antes que ele produzisse uma sílaba sequer, apanhou os envelopes.

— Coloque mais um lugar à mesa esta noite. Encontrei um amigo ainda há pouco — Miranda disse a ele, os olhos nos envelopes. — Isso é tudo. Ande, traste! Vá terminar suas tarefas!

O pobre sr. Romeu quase tropeçou nos próprios pés ao se apressar para o corredor. Tão logo ele sumiu de vista, Miranda caminhou lentamente pela sala, passando de um envelope a outro. Então olhou para cima e fez biquinho.

— Pobre Valentina. Nenhuma carta outra vez. Devia parar de esperá-las. Todos já se esqueceram de você.

Correndo o risco de pular da escada e envolver os dedos ao redor daquele pescoço de cisne, achei melhor deixá-la falando com a mobília. Era aniversário do meu pai. Eu tinha quase certeza de que ele não apreciaria ficar viúvo naquele dia.

— Demônio! — Suelen cuspiu assim que entramos em meu quarto.

Diferentemente do restante da casa, a decoração ali não tinha franja dourada. Era simples, com a cama e a cômoda em laca branca, as cortinas diáfanas azul-claras, o mesmo tom do estofado da poltrona em frente à janela e das listras do papel de parede. Papai me deixara escolher ao menos isso.

— Não ligue para o que ela disse, Suelen. — Eu me sentei aos pés da cama, desenroscando a bolsinha do pulso. — Você é e sempre será muito bem-vinda nesta casa.

— Não foi o que ela disse sobre mim que me deixou preocupada. — Juntando as saias na mão, ela se acomodou ao meu lado. — Valentina, você não pode viver para sempre com aquela... aquela megera!

Um pesado suspiro me escapou.

— Às vezes sinto que, se não sair desta casa, vou acabar enlouquecendo — admiti. — Mas não posso abandonar meu pai. Miranda o depenaria em um ano. Na semana passada ela pediu que o sr. Romeu providenciasse argolas para guardanapos em prata de lei!

Miranda não conhecia limites. Em poucos anos como a sra. Albuquerque, havia diminuído o patrimônio de papai pela metade. Se eu não tivesse interferido em mais de uma ocasião, estaríamos à beira da penúria àquela altura. Não devia ser minha responsabilidade me preocupar com os bens da família, mas, se eu não cuidasse, quem cuidaria? Sim, papai era adulto, poderia lidar com suas próprias escolhas. Mas e quanto a Felix? O que seria do menino se nosso pai perdesse tudo?

— Concordo com você. — Ela brincou com um dos meus cachos, arrumando-o sobre o ombro. — Mas isso não significa que tenha que continuar vivendo nesta casa.

— E uma mulher solteira conseguiria isso de que jeito?

— Não sendo mais solteira, é claro!

Lutei para não revirar os olhos. Eu não queria um marido. Lembrava-me muito bem de como era a vida da minha mãe e tinha jurado jamais me colocar naquela posição: aos pés de um homem frio e mesquinho, que só pensa em si mesmo.

Decerto, havia algumas raras exceções. E o destino, aquela coisinha temperamental, quis que o primeiro casamento regido por sentimentos que eu testemunhasse fosse o do homem por quem um dia meu coração adolescente se alvorçou. O sr. Clarke não era apenas um marido devotado, mas irrevogavelmente apaixonado por sua Sofia. Assistir ao amor entre os dois nascer me ferira. Aos dezessete anos, foi difícil compreender que o homem perfeito para mim era perfeito para outra pessoa. Onde estava o meu felizes para sempre?

Por um tempo me senti como alguém indigno, como se o fato de amá-lo me tornasse desprezível, abominável. Mas, como uma planta que carece de cuidados, o sentimento nunca correspondido murchou e secou. Então conheci melhor Sofia e, de certa forma, fiquei grata por Ian tê-la escolhido. Ela era extraordinária: inteligente e opiniosa, de coração grande e sorriso largo. Em vez de rancor, o sentimento que passei a nutrir por ela foi de afeição. Fazia muito tempo que eu tinha a incrível sorte de poder chamá-la de amiga.

No entanto, minha falta de entusiasmo com o casamento não estava exatamente relacionada a isso, mas à constatação de que aquele tipo de relacionamento

era muito raro. Provavelmente não havia um príncipe encantado me esperando em algum lugar, como um dia eu fantasiara, apenas um homem que veria o casamento como um negócio, e a mim como sua propriedade.

Além do mais, eu tinha vinte e dois anos, estava a poucos meses de completar vinte e três, e a maioria dos pretendentes buscava jovens da idade de Suelen, com menos de vinte. Já estava passando da idade de me casar. Em mais um par de anos eu seria oficialmente considerada uma solteirona, o que não era uma perspectiva ruim. Não, de verdade. Sobretudo se houvesse uma maneira de meu pai criar juízo e de eu ter uma vida digna e confortável, com sorte alguns quilômetros distante de minha madrasta.

— Não pode ser tão ruim se as pessoas continuam se casando — a voz de Suelen penetrou meus pensamentos, me arrancando do devaneio.

— Talvez esteja certa, mas, como você mesma apontou ainda há pouco, que atrativos uma moça com vestido velho e luva gasta pode ter?

— Não foi isso que eu disse! — ela reclamou, emburrada. — Você é muito mais que um guarda-roupa!

— Para você, sim. Para a sociedade e para qualquer homem aceitável, duvido muito. — Inclinei-me para trás até me deitar, mirando as vigas brancas no teto. — Tenho que pensar em alguma alternativa.

A quietude preencheu o quarto, mas senti os olhos de minha prima em mim o tempo todo. Ela conseguiu segurar a curiosidade por três inacreditáveis minutos.

— Não vai me contar o que aconteceu com o pirata? — perguntou, por fim. — Ele era bonito?

Acabei rindo. Eu podia ter perdido a fé no amor, mas Suelen ainda enxergava tudo através de lentes cor-de-rosa.

— Era, sim — cedi, de má vontade.

— Bonito *bonito* ou bonito *sr. Clarke*?

O rosto emoldurado pela cabeleira negra indômita surgiu atrás de minhas pálpebras outra vez. Cruzei as mãos sobre o estômago, que se agitou de leve.

— Receio nunca ter conhecido um homem tão lindo quanto aquele espanhol, Suelen. — Um suspiro ameaçou escapar. Então me lembrei do leilão que ele havia tramado e tratei de engoli-lo. — Mas é tão arrogante quanto bonito. Primeiro eu pensei que ele fosse um cavalheiro, mas logo ficou claro que não é.

— Ele tentou alguma coisa? Ele pegou sua mão? — Engatinhou sobre o colchão até seu rosto ansioso pairar acima do meu, os olhos muito abertos. — Ele tentou beijá-la?!

Revirei os olhos.

— Meu Deus, Suelen! Dentro do armazém do sr. Martinelli?

— Eu não sei como um pirata se comportaria! — objetou, saindo de cima de mim e caindo de costas na cama.

— Ele não é um pirata. É apenas um sujeito que me deixou muito irritada. — Bufei outra vez. — E ainda vou ter que aturar Miranda no jantar esta noite. A menos que eu padeça de uma súbita...

Em um pulo, Suelen se sentou sobre os joelhos.

— Ah, não, Tina. Nem pense nisso! De jeito nenhum você vai faltar ao jantar de aniversário do seu próprio pai.

— Ele provavelmente não notaria minha ausência.

— Mas outras pessoas sim. E talvez alguém interessante apareça. Alguém que seja solteiro e que more aqui perto. Só precisamos fazê-lo ficar interessado em você! — Beliscou minha cintura, piscando. Mas logo seu rosto murchou. — Além disso, o sr. Flores disse que viria. Não pode me deixar sozinha com ele! Se eu ouvir mais uma palavra sobre cabras, temo me transformar em uma. *Béééééé*. — Apertou a mão contra a boca. — Já está acontecendo. *Béééééééé*. Tina, você precisa... *Béééééé*...

Acabei rindo.

— Está bem, está bem, eu vou. Mas tem que me prometer que não vai tentar me empurrar para nenhum dos cavalheiros solteiros presentes.

— Prometo! — Deu dois beijos nos dedos em cruz. — Agora precisamos decidir o que você vai vestir. Tem que ser algo resplandecente! Digno de uma princesa! — Pulou da cama, animada, correndo para o baú perto da cômoda.

Sorri de novo.

— Acho que vai ser mais fácil tentar me arranjar um príncipe encantado...

* * *

Eu ajudava Suelen a finalizar seu penteado quando ouvi um arranhar na porta do meu quarto. Deixei as forquilhas sobre o toucador e fui atendê-la. Então me deparei com uma bola de pelos amarela.

— Estava me perguntando onde você estaria — falei a Manteiga.

Ele latiu, sentando-se sobre as patas traseiras, a cabeça inclinada para o lado como em um sorriso engraçado. Bem à sua frente, sobre o piso de madeira encerado, havia um pernil assado quase do seu tamanho.

Arquejei.

— Meu Deus do céu, Manteiga! Você roubou o...

— Onde está aquele demônio? — A voz esganiçada de Miranda subiu as escadas e me alcançou. — Olhe o que ele fez com a mesa! Os convidados estão prestes a chegar e aquela besta comeu o assado e metade do arranjo! Assim que eu o encontrar vou fazer um cozido dele e comê-lo no café da manhã. Com *mucho* gosto!

Voltei correndo para dentro do quarto, abrindo a cômoda e revirando a gaveta até encontrar um xale.

— Suelen, eu preciso me ausentar por alguns instantes. Consegue terminar sozinha? — perguntei, já a caminho da porta.

— Claro. O que está acontecendo? — Ela girou na banqueta em frente ao toucador, tentando prender um dos cachos vermelhos.

Apenas acenei para ela, ao mesmo tempo em que tentava impedir meu cachorro de entrar no quarto. Pegando-o pela coleira, eu o fiz dar meia-volta, me abaixando na entrada para embrulhar o assado com o xale. Tomei cuidado para não sujar meu vestido mais apresentável — um cor-de-rosa pálido, com aplicações de renda nas mangas e no decote de ombro a ombro, que eu usara alguns anos antes, no casamento de Thomas e Teodora. Assobieei para meu cachorro e disparei para a escada dos fundos. Pensando se tratar de uma brincadeira, ele me ultrapassou, saltando os degraus de dois em dois.

Passei voando pela cozinha, driblando os empregados atarefados, que se desdobravam para agradar à senhora daquela casa pouco desejosa de ser agradada. Do lado de fora, escolhi o caminho da estrebaria, já que era o local mais improvável onde Miranda arriscaria colocar os caros sapatos. Não me permiti parar para respirar até nos esconder atrás da pequena construção de madeira, feita para abrigar meia dúzia de cavalos. Manteiga começou a pular em minha saia, ansioso para que prosseguíssemos.

— Eu sei que deve ser... muito divertido... roubar o jantar. — Tentei recuperar o fôlego. — Mas não pode... fazer isso, Manteiga. Agora nós dois... estamos encrocados! Sabe que Miranda está procurando... qualquer desculpa para colocá-lo... na rua. Você se comportou muito mal!

Sentando-se sobre as patas, ele entortou a cabeça para me admirar como se eu fosse a coisa mais incrível do mundo.

— Eu não posso simplesmente ignorar que... Pare de me olhar assim. Você realmente se portou feito um... Ah, está bem! — Eu me inclinei, equilibrando o assado na cintura, e corri uma das mãos entre suas orelhas. — Mas vai ter que ficar escondido até ela se acalmar.

Tratei de abrir a portinhola do estábulo e esperei que ele entrasse. Seu instinto protetor o levou para dentro do cercado, um cavalo em uma das baias relinchando com a movimentação. Encostei o portão e cerrei o trinco, então comecei a refletir sobre outro problema. Onde eu poderia deixar a porcaria do assado?

Talvez na adega ou dentro da carruagem, ponderei. Mas logo um pensamento terrível me paralisou. E se a carne atraísse ratos? Pior ainda: e se atraísse lobos? Eu não tinha visto nenhum pelas redondezas, nem sabia se eles viviam no litoral. Mas, minha nossa, e se vivessem e eu os levasse diretamente para nossa casa? Felix, aventureiro e curioso como era, poderia confundi-los com cachorros e...

Um graveto estalou atrás de mim, e uma sombra começou a se espichar no gramado. Gritei, atirando longe o assado.

Ouvi um *wrf!* abafado e bastante humano pouco depois de me dar conta de que a sombra que eu via tinha o formato de um homem e não de um lobo. Girei sobre os calcanhares, a saia abraçando minhas pernas, e investiguei as sombras. Não consegui distinguir nada além do contorno escuro alto demais — e muito másculo. O assado, constatei tristemente, aterrissara a seus pés, o xale aberto feito uma toalha de piquenique.

— Quando disse que eu me parecia com um urso — começou ele —, pensei que fosse uma metáfora. Não imaginei que pretendesse me alimentar feito um, atirando comida em mim. Será que devo começar a rugir agora?

Atordoada, pisquei algumas vezes. Suas palavras ou o sotaque deviam ter me alertado, mas, transtornada como estava, não consegui raciocinar direito. O vulto deu um passo adiante, transpondo o assado com aquelas botas lustrosas, enfim saindo das sombras. Mesmo sob a luz pálida do luar, o rosto ainda era bronzeado, os cabelos indomados resplandeciam em tons de preto e azul, as íris cinzentas cintilavam como estrelas. O queixo não tinha mais pelos, mas lá estava o lábio com a cicatriz, se distendendo em um sorriso insolente.

Ofeguei.

— Capitão Navas!